

EM BUSCA DE NOVAS PRÁTICAS DE LIBERDADE: UMA AUTOBIOGRAFIA COM ANTÓNIO CANDEIAS¹

■ ANA LUÍSA PAZ

 <https://orcid.org/0000-0003-4848-8183>

UIDEF, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa

RESUMO

O presente artigo resulta de uma pesquisa autobiográfica sobre a formação de uma professora do ensino superior junto do “professor marcante” (CASTANHO, 2001) António Candeias (1955-2010). Encontrando-se perante uma encruzilhada, a investigadora procura trabalhar uma narrativa de formação numa abordagem de investigação baseada em artes. Constrói a narrativa junto a um acervo documental de diários, notas, fotografias e *e-mails*, materiais dispersos que envidam a reconstituição de um sentido ao trabalho docente, ao mesmo tempo que convocam a influência do professor, psicólogo, historiador da educação e anarquista, cuja obra é também passada em revista. A pesquisa permitirá restituir um sentido à profissionalidade, como estando em alinhamento com os interesses pessoais e a profissão de investigador-docente, constituindo assim um sentido em si mesmo. Conclui-se, mais uma vez, que a pesquisa autobiográfica pode ter um efeito de reconfiguração do sentido da profissionalidade.

Palavras-chave: Autobiografia. Formação docente. Formação inicial e contínua. Educação libertária. Investigação baseada em arte.

ABSTRACT

IN SEARCH OF NEW FREEDOM PRACTICES: AN AUTOBIOGRAPHY WITH ANTÓNIO CANDEIAS

This article is the result of an autobiographical research on the training of a higher education teacher with the “remarkable teacher” (CASTANHO, 2001) António Candeias (1955-2010). Finding herself at a crossroads, the researcher seeks to work a training narrative in an arts-based research approach. It builds the narrative together with a documentary collection of diaries, notes, photographs and emails, scattered materials that send the reconstitution of a meaning

¹ Agradecimentos à Ana Paula Caetano, Ana Rita Teixeira, Ana Isabel Augusto, Carmen Cavaco, Jorge Ramos do Ó e aos grupos de pesquisa GEPPAIE e MUSA. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), IP, no âmbito da Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação - UID/CED/04107/2020.

to the teaching work, at the same time that they summon the influence of the teacher, psychologist, historian of education, and anarchist, whose work is also reviewed. The research will allow restoring a meaning to professionalism, as being in alignment with personal interests and the profession of researcher-teacher, thus constituting a meaning in itself. It is concluded, once again, that autobiographical research can have an effect of reconfiguration of the sense of professionalism.

Keywords: Autobiography. Teacher training. Initial and continuing training. Libertarian education. Art-based research.

RESUMEN

EN BUSCA DE NUEVAS PRÁCTICAS DE LIBERTAD: UNA AUTOBIOGRAFÍA CON ANTÓNIO CANDEIAS

Este artículo es resultado de una investigación autobiográfica sobre la formación de un profesor de enseñanza superior con el “profesor notable” (CASTANHO, 2001) Antônio Candeias (1955-2010). Al encontrarse en una encrucijada, la investigadora busca trabajar una narrativa formativa en un enfoque de investigación basado en las artes. Construye la narrativa junto a un acervo documental de diarios, apuntes, fotografías y correos electrónicos, materiales dispersos que remiten a la reconstitución de un sentido a la labor docente, al mismo tiempo que convocan la influencia del docente, psicólogo, historiador de la educación y anarquista, cuya obra también se reseña. La investigación permitirá devolverle un sentido a la profesionalidad, como alineada con los intereses personales y la profesión de investigador-docente, constituyendo así un sentido en sí misma. Se concluye, una vez más, que la investigación autobiográfica puede tener un efecto de reconfiguración del sentido de profesionalismo.

Palabras clave: Autobiografía. Formación de profesores. Formación inicial y continua. Educación libertaria. Investigación basada en las artes.

Introdução

Este artigo reflete uma investigação de autoformação enquanto docente do ensino superior, em particular na área da Educação Artística, em diálogo com a biografia do psicólogo, historiador da educação, investigador educacional e professor anarquista Antônio Candeias (1955-2010).

A investigação que ora se apresenta recorta-se no pano de fundo mais vasto da minha

formação inicial e contínua como professora. Esse processo de profissionalização foi iniciado há menos de uma década e experimentado numa fase já tardia da vida biológica, conquando numa idade elogiada pela pena vigorosa de Hononré de Balzac e seus sequazes. A trajetória autobiográfica aqui espelhada não foi nem linear nem indolor, sendo sempre atravessada pela dúvida e pela reconhecida incapacidade

de lidar com os conteúdos conceituais e metodológicos que pervadem o campo da formação profissional. Acresce ainda o trabalho de *memória* de um tempo passado e o cruzamento com a passagem pela lição de vida de um “[...] professor marcante, professor inesquecível, professor ideal [...]”. (CASTANHO, 2001, p. 153).

A narrativa autobiográfica teve por base a busca e seleção de escritas passadas em diários, notas de observação, mas também desenhos, poemas e escritas soltas, reconfigurados a partir de duas perguntas que o presente me coloca: *como posso ser professora do ensino superior na área da Educação?* O que aprendi com António Candeias que me permite ocupar este lugar, sob o viés da história da educação artística? A mistura de uma falta de conhecimentos e de experiência em escrita científica autobiográfica levou-me ainda a uma terceira pergunta: *como pode uma experiência de investigação baseada em artes transformar a experiência autobiográfica?*

Este artigo resulta, assim, de uma experiência radical de autocrítica, em que me coloquei no abismo da *crhysis* em direção a uma narrativa que luta com a tragédia de um sentido *hybrico*, ou seja, em que me aventurei em terreno que era absolutamente sagrado. Ombrreei com os poetas Virgílio e Dante na busca de uma experiência de escrita que ultrapassasse os limites do tangível. Na aflição dessa coragem, permiti-me trespassar os limites do que antes ousava cogitar sobre a pertinência de ocupar o lugar que ocupo, de aceitar o meu *destino* como ele tendo sido preparado, por muitos anos. Nessa equação que tornou possível a minha trajetória, conto as inigualáveis lições de vida de António Candeias transmitidas no dia a dia da investigação e do ensino numa universidade portuguesa.

Durante o percurso desta investigação, houve muitos avanços e recuos, versões e ver-

sões que foram sendo autocensuradas, dando lugar a outros formatos. Optei por procurar um encontro direto com o meu presente como docente e investigadora e traduzir o diálogo de procura de práticas de investigação em educação artística. Estas formas específicas que se designam pelo termo lato de *Arts-Based Research* (ABR), circulam em português como investigação ou pesquisa baseada em artes (IBA/PBA) ou em educação artística (IBEA/PEBA) (OLIVEIRA; CHARRÉU, 2016).

Após uma breve incursão pela literatura que fundamenta os três eixos que atravessam este trabalho – autobiografia e formação de professores, investigação baseada em artes e/ou em educação artística, e história da educação –, apresento as opções metodológicas. Seguem-se os temas em que, através da minha autobiografia com António Candeias, exploro três espaços fundamentais da minha formação profissional: (i) história da alfabetização e da escolarização nas sociedades modernas; (ii) história da educação libertária e potência da educação artística; e (iii) constituição das Pedagogias contra o Estado e aspetos resistentes da orientação e supervisão do trabalho científico. Muitos outros temas poderiam ter sido tratados, mas essa escolha reverte de um cenário, em que os percebi como sendo os temas mais fortes da construção da minha profissionalidade.

Autobiografia, formação de professores e história da educação artística

A investigação move-se sobre três grandes eixos: (i) em primeiro lugar, discorro sobre a autobiografia na formação de professores, tema sobre o qual muita tinta já correu, trazendo um desafio acrescido para quem ousa trazer uma perspetiva original; (ii) passo posteriormente em revista o contributo da educação artística

para a investigação em Ciências Sociais, Artes e Humanidades, as quais envidam novas soluções e possibilidades a título epistemológico e metodológico; (iii) por fim, trato muito brevemente o presente da história da educação, chamando a atenção para as possibilidades que pode trazer esse aporte autobiográfico com uma abordagem de investigação baseada em artes.

“O tema da profissão docente tem sido inesgotável”, como aponta Cunha (2018, p. 6) numa reflexão em jeito de balanço sobre as “condições da docência” no ensino superior. A contínua e profunda reflexão sobre as *vidas de professores* (NÓVOA et al., 1992) entrecruzou-se na década de 1980 com uma tendência mais vasta de formação profissional, sob a edificação de abordagens *auto, hetero e ecoformação* (PINEAU, 1988). Desde que se começou a afirmar na Alemanha dos finais do século XIX, o “método biográfico” – com particular ênfase na autobiografia – foi sujeito a um percurso penoso de legitimação académica ao longo do século XX, pugnando no espaço académico por atribuir à “subjetividade um valor de conhecimento”. (FERRAROTTI, 1988, p. 21).

A autobiografia tem uma historicidade, desenvolve-se num tempo e espaço específico e, se não nos cabe aqui traçar a sua origem e desenvolvimento histórico, importa lembrar que é a partir da Europa Central que esse género textual irradia um pouco por todo o mundo. No espaço de língua portuguesa, é conhecida a ação do músico austríaco Sigismund Ritter von NEUKOMM (1858), o qual “[...] acompanhou (sem integrar) a comitiva do Duque de Montmorency-Luxemburgo à corte de D. João VI no Rio de Janeiro (Brasil) em 1816, onde se instalou até 1821 [...]”, fazendo disso matéria para o seu *Esquisse biographique de Sigismund Neukomm écrite par lui-même* (PAZ, 2014, p. 531). Essa e outras publicações autobiográficas impactaram escritores de Portugal e do Bra-

sil, ainda que a sua recepção não tivesse fácil nem rápida. Por exemplo, ainda no final do século XIX, os escritores e jornalistas que optavam por esse género acusavam a estranheza desta “[...] justaposição entre autor e objeto, situação ímpar de maximização do efeito de verdade”. (PAZ, 2014, p. 500). A divulgação e adopção da autobiografia de artistas, políticos, e figuras eminentes de toda a sorte popularizaram esse tipo de narrativas a todo o tipo de pessoas, vulgarizando o gesto autobiográfico durante o século XX. Nesse sentido, Pierre Bourdieu (1996) chamou a atenção para a desigualdade social por detrás da publicação de autobiografias de personalidades públicas, considerando que a autobiografia se realizava por não haver outra pessoa que o fizesse na tentativa de valorizar o que não encontrava essa valorização.

A despeito da representatividade de métodos quantitativos e mistos, bem como da tentativa de garantir a neutralidade e a objetividade dentro de uma abordagem qualitativa, a biografia, as histórias de vida e a narrativa biográfica tornaram-se uma parte importante da investigação sobre docência, quase como condição *sine qua non* de autoconhecimento. A subjetividade não é aqui recusada, mas exponenciada e sistematizada, fazendo confluír a demanda epistemológica do método autobiográfico com as necessidades prementes dos estudos sobre docência. Encontramos, assim, essa linha metodológica alinhada aos paradigmas interpretativo, crítico e pós-crítico, sendo o “valor heurístico” reconhecido como liminar nos processos de formação profissional (FERRAROTTI, 1988, p. 22). Em Portugal, como aponta Carmen Cavaco (2018, p. 814), os “[...] temas mais estudados na investigação biográfica em educação são o desenvolvimento profissional e a identidade dos professores.” Como sublinha a mesma autora, o “[...] recurso à abordagem biográfica permite-nos equacio-

nar a formação na perspectiva do ‘formar-se’, operando um distanciamento crítico face ao modelo escolar e procurando contribuir para a construção de uma outra epistemologia da formação. (DOMINICÉ, 1988, 1991; JOSSO, 1988; NÓVOA, 1988)”. (CAVACO, 2015, p. 76).

Desse modo, a faceta autoreflexiva da biografia tem sido salientada, conforme se pode verificar em qualquer dos balanços que nas últimas quatro décadas nos têm vindo a ser apresentados na área da Educação (NÓVOA; FINGER, 1988, CATANI ET AL., 1992, LEMOS, 2016). De facto, a biografia mostra que a educação “[...] desenvolve-se ao longo das temporalidades da vida e em todos os seus espaços. Permite-nos compreender a importância da reflexão e da (re)elaboração de experiências de vida, para assegurar o reconhecimento dos saberes das pessoas e, em particular, para reforçar o seu poder de agir”.² (CAVACO, 2022, p. 45, tradução nossa).

Por sua vez, da parte da Educação Artística, têm surgido propostas metodológicas diferenciadas, que têm também contribuído para estabelecer processos científicos não apenas a partir do singular, mas também do radicalmente subjetivo. Com efeito, a linha de ABR ou práticas de Investigação Baseada em Artes têm vindo a constituir veios analíticos próprios, em que se contam a a/r/tografia – de *artist*, artista; *researcher*, pesquisador; *teacher*, professor. Numa revisão de teses de doutoramento realizadas na British Columbia, berço da a/r/tografia, Sinner e demais autores (2006) apontam que a autobiografia tem sido também uma estratégia dessa prática de investigação, aliando ainda diferentes abordagens artísticas, como artes visuais, literárias e performativas.

2 “[...] se déroule tout au long des temporalités de la vie et dans tous ses espaces. Elle nous permet de comprendre l’importance de la réflexion et de la (re) élaboration de l’expérience de vie, pour assurer la reconnaissance des savoirs des personnes et, en particulier, pour renforcer leur pouvoir d’agir”.

Também algumas aproximações à historiografia têm sido realizadas, numa perspectiva de transdisciplinariedade como é o caso de Kate Greenway (2019), que se espraia entre as atividades de educadora e artista para a de historiadora, sem descurar a exploração da poesia e da ficção em processos autoetnográficos e a/r/tográficos. Mais do que ‘reconstituir o passado’, trata-se de atribuir novos sentidos. O mesmo também tem acontecido de modo inverso. A historiadora Ana Gandum Ribeiro (2019) procurou um dispositivo narrativo e visual em ordem a uma experiência de tratar objetos históricos, como sejam fotografias encontradas em espaços urbanos – ruas, casas devolutas – e a partir de álbuns e caixas de fotografias de famílias portuguesas emigradas para o Brasil. O resultado dessa tese de doutoramento tem vindo a ser transmutado em diferentes eventos artísticos. Estes, entre muitos exemplos, mostram que o ponto essencial das metodologias de pesquisa baseadas em arte – mesmo que, do seu ponto de vista, prefiram usar o termo “práticas” a “métodos” (SINNER ET AL., 2006) – cumpriu o seu desígnio de contribuir para um conhecimento científico que reconheça o valor radical da subjetividade (BARONE, 2005).

Não espanta assim que a História da Educação, neste particular, tenha também se expandido a partir das possibilidades epistemológicas da educação artística (MARTINS, 2021), e da história visual da educação (CABELEIRA, 2017), ainda que a aproximação a essas abordagens metodológicas baseadas em arte/educação artística sejam tímidas e pontuais.

Tendo em conta esse entrelaçar de perspectivas, este artigo será um ensaio para o cruzamento dessas abordagens de pesquisa narrativa autobiográfica, numa lógica de investigação baseada em artes e tendo em conta a minha atuação na área da História da Educação Artística.

Autobiografia para uma historiografia de Investigação Baseada em Arte? Uma metodologia tateante

O projeto desenrola-se a partir da análise da minha narrativa autobiográfica, tendo em conta uma ligação experimental à exploração do tema específico da construção da profissionalidade docente-investigadora em História da Educação Artística, a partir de uma reflexão sobre a influência de Antônio Candeias.

Este texto faz uso de uma metodologia de narrativas, atravessadas ainda por uma abordagem de pesquisa baseada em educação artística, a qual assume como parte do processo do conhecimento a própria vivência e produção em educação artística (CHARRÉU & OLIVEIRA, 2016; CHARRÉU, 2018).

As narrativas aqui consideradas têm um estatuto híbrido. Uma parte fundamental do material que aqui está plasmada provém de narrativas que foram sendo edificadas à medida que a ideia deste artigo ia sendo gizada. Outra parte, ainda talhada para efeito desta publicação, foi inspirada em documentos pessoais, como notas, diários, cartas, fotografias, mensagens, *e-mails* e objetos. Alguns povoam o cotidiano e a atenção sobre eles foi despertada pela construção dessas narrativas, outros tiveram de ser procurados e regatados. Por fim, permiti-me ainda, dado o desafio autobiográfico de investigação baseada em artes, usar materiais inéditos provenientes de diários, cadernos de campo e notas soltas.

Cada pessoa leitora que conhecer a investigação baseada em arte notará o caráter tateante com que a arte é convocada para a investigação. Arte essa que não deve ser julgada apressadamente, uma vez que, como apontam Ruben Gaztambide-Fernández (2013) ou María Acaso e Clara Megías (2017), arte é aquilo que as pessoas fazem um pouco por todo o lado quan-

do convocam novos sentidos. Esses sentidos foram experimentados em cada uma das peças que é aqui partilhada, que se trate de algum trabalho anterior que é agora invocado, quer seja alguma produção desenvolvida durante o tempo de incubação deste trabalho. Como defendem Sinner e demais autores (2016), não importa perguntar se um trabalho de investigação baseado em arte é bom ou mau, mas *para que pode ser bom*. Sem dúvida que, do ponto de vista do sujeito autobiográfico, esta obra que aqui se plasma já teve a sua importância.

Não deve aqui procurar-se distinguir entre imagem e texto, uma vez que, globalmente, todas essas formas de comunicação podem ser aqui lidas como texto. Numa abordagem de investigação baseada em artes, as imagens, como coloca Fernando Hernández, têm de tensionar o texto narrativo, “[...] não ilustrá-lo, nem representá-lo [...]”, uma vez que “[...] o leitor não encontrará um caminho a ser percorrido. Terá de ser ele a construí-lo, a estabelecer os nexos [...]”, até porque “a produção deve ser condizente com tudo o que foi pensado durante e ao final do processo e, portanto, única em cada caso”. (OLIVEIRA & CHARRÉU, 2016, p. 373).

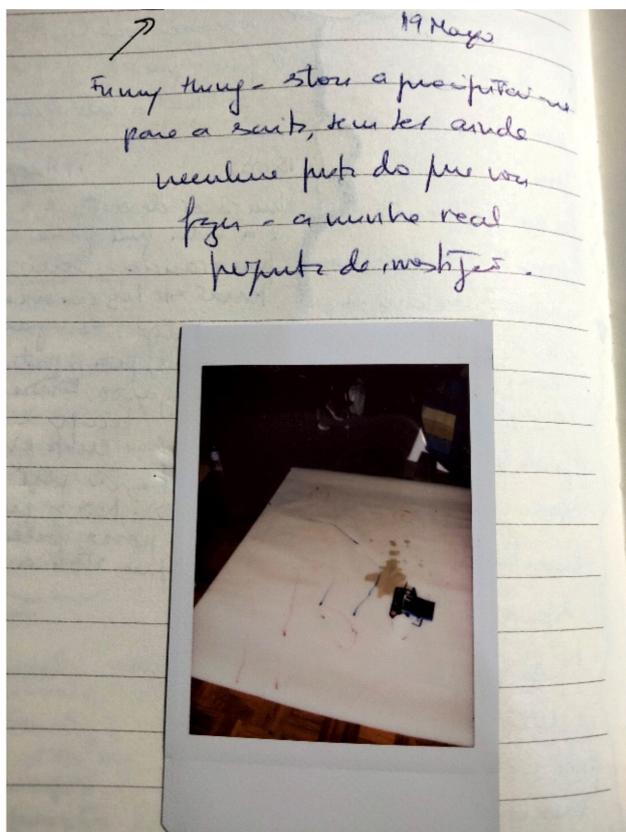
Como última nota metodológica, aponta-se que o modo como a narrativa original entrecorta a análise é inteiramente inspirado nas leituras de trabalhos autoreferenciados (AUGUSTO, 2022) e de narrativas de formação (CAETANO; PAZ; ROCHA; MARQUES, 2020; ROCHA; CAETANO; PAZ, 2022; ROCHA, 2023; CAETANO; PAZ, 2020), em que o trabalho do fragmento é assumido com aquele que permite que o texto se sustente na pesquisa (Ó, 2018).

No que respeita aos aspetos éticos, e dado o desaparecimento precoce de Antônio Candeias, a principal figura deste texto, foram ponderadas todas as informações e memórias partilhadas, preferindo sempre o uso de publicações a memórias ou marcas que não é já possível triangular.

Autobiografia para o encontro

A ideia de hibridismo ou transdisciplinariedade é trazida pela própria investigação de António Candeias e o trabalho que a partir dele foi sendo desenvolvido. Ao procurar estabelecer o *modus operandi* desta investigação, já não é possível distinguir mais entre os esboços e o que se procura escrever (Figura 1).

Figura 1 – Em busca de um sentido para a pesquisa caderno de notas docentes 2022/2023 e instantâneo de *workshop* em Roda de Conversa #3 (FERREIRA; CARMO; TEIXEIRA; BISPO, 2023) em que a autora desenha o seu perfil



Fonte: acervo pessoal.

Perguntar quem somos a partir do eixo relacional inscreve-nos numa pergunta cujos limites não podemos circunscrever inteiramente. A partir dessa interrogação, a pesquisa permitiu agregar a narrativa em três grandes sentidos deste texto: (i) os modos de dizer, (ii) de estar e de (iii) ser, os quais se cruzam com a ideia de hibridismo ou transdisciplinariedade,

de, trazida pela própria vida e obra de António Candeias.

Modos de dizer: alfabetização e escolarização ou ganhar a voz docente

Estamos no Largo das XX (retirado para garantir o anonimato). Tristíssimos, desolados e incrédulos olhamos a cidade branca e a nesga de rio banhada de sol, naquele sábado, 6 de novembro de 2010. Tudo mudou naquele dia que a Faculdade de Belas-Artes me acolheu para substituir o professor que entrava de licença e conheci a minha primeira turma. De vez em quando, volto lá a saudar o tempo, como se ainda pudesse ouvir a sua gargalhada larga a infundir tudo.

A história começa *in media res*. Hoje sou professora num departamento de uma instituição de ensino universitário, no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, tenho por incumbência nesse mesmo ano ensinar nos três ciclos do ensino superior, além da supervisão de pós-doutoramento e intercalar/sanduíche. Mais exatamente, estou-a-ser. Preparei-me nestes últimos sete anos para exercer o magistério enquanto *mestre ignorante* (RANCIÈRE, 2010). A ousadia que me toma para que franqueie ainda uma sala de aula – mesmo sabendo que nunca sairei da condição híbrida de sábio-aprendiz (VALLERA; PAZ, 2014) – liga-se à pessoa que perdemos naquele dia.

Dez anos antes, entro e sento-me. Sinto-me um pouco deslocada, depois de ter passado uma semana a cuidar do jardim, voltar à cidade de Lisboa e à Universidade Nova de Lisboa é doloroso. Sinto que não impressionei, talvez até tenha sido antipática. É-me atribuída a tarefa de estudar os censos populacionais, no capítulo da Educação, tendo em conta os conceitos estatísticos usados.

Há mais de 20 anos, a possibilidade de vir a exercer a docência não existia ainda. E, todavia, foi neste momento que o meu presente começou a ser preparado, tornando-o possível, plausível e legítimo. Nesse dia, formou-se a equipa que levou a cabo uma investigação sobre a alfabetização e escolarização dos portugueses a partir de fontes do Estado, como sejam os censos e as estatísticas da educação. Embora conhecidas, essas fontes nunca tinham sido trabalhadas deste modo sistemático, tanto a partir dos números como da alteração dos conceitos que lhes estavam subjacentes. Fiquei incumbida dos censos, inquérito que desde 1864 vinha sendo aperfeiçoado pelo Instituto Nacional de Estatística (CANDEIAS ET AL., 2004).

Sob o prisma das interrogações de Antônio Candeias, foram surgindo ligações conceptuais e teóricas, além de uma série de problemas divertidos ou evidências da ironia da história, que transformaram numa tarefa aliciante um trabalho que tinha tudo para ser absolutamente insípido e mecânico. Por exemplo, o facto de o Estado Novo salazarista ter sido o único regime capaz de efetivar a escolarização aparece como uma tremenda ironia. Certamente a partir de um modelo de ensino pauperizado, com recurso a regentes que, elas mesmas quase sem instrução, mas ainda assim foi o Estado Novo que, com o seu sistema de vigilância das famílias, conseguiu que as crianças fossem libertas dos seus deveres de casa ou trabalhos rurais para frequentarem a escola (CANDEIAS ET AL., 2004). *Educação, estado e modernidade: apontamentos sobre o caso português numa perspetivas comparada*, que corresponde ao seu relatório de agregação, desenvolve e robustece essa investigação.

Como professora, o corpo de dados que vi ser retalhado em múltiplas análises aparece-me como imagem pura e nunca deixo de argumentar e esclarecer sobre este tópico do

“atraso” educativo de Portugal, que não nasceu no século XXI. Análises e dicotomias simplistas são varridas em face ao que a pesquisa nos deixa entrever: uma realidade complexa, que a estatística cria, governamentaliza, mas que tem também uma força própria, um incontável efeito.

Ao mesmo tempo, a barreira geográfica que, na alfabetização se estabelece pela linha do Mondego – o rio das musas dos estudantes de Coimbra –, separa até ao século XIX o país, no que se refere à organização da economia, à distribuição de propriedade, à religiosidade, aos papéis sociais e de género na família e na comunidade, é frequentemente trazida para a minha sala de aula para estabelecer uma discussão sobre as estruturas socioculturais em que nos movemos (CANDEIAS, 2006).

*Passou muito tempo até que o estudo sobre alfabetização e escolarização da sociedade portuguesa deixasse de ser importante e de estar presente no quotidiano de investigadora. Durante o inverno de um ano de pandemia, numa turma de doutoramento, os alunos demoram a soltar a escrita e a equipa docente propõe a escrita de poemas. Eu e a minha colega iniciamos a tarefa, sendo ela autora de obra publicada. Orientada para esta tarefa, escrevi um texto de rajada, durante a viagem de comboio, que depois editei para engrossar o volume *Mea Culpa*, um texto heterogêneo de escrita colaborativa desenvolvido no grupo de estudos Grupo de Estudos em Processos Participativos e Artísticos de Investigação em Educação (GEPPAIE) dedicado aos processos artísticos e participativos, que coordeno com Ana Paula Caetano. Tinha nessa manhã em que escrevi para os alunos a poesia de Cide PIQUET (2013, pp. 18-19) a bailar-me, “Sim, deve ser o tempo”, e uma conversa em que Antônio Candeias me explicava – a partir da obra de Furet e Ouzouf (1977) – o movimento de retirada dos filhos dos camponeses.*

Há de ser do tempo

e há de ter sido estranho
 quando os primeiros homens
 ignorando as primeiras mulheres
 e os possíveis frutos
 da terra
 do mar
 do ventre

se puseram a pensar
 que ao que faziam
 se chamaria ensinar
 e ao que era feito
 se chamaria aprender

e há de ter sido aviltante
 quando homens nus
 trespassados de branco
 atravessaram a acrópole
 amando crianças e jovens
 com a paixão desconhecida
 e forte da agonística

mais estranho há de ter sido
 o minuto inicial
 da primeira *disputatio*
 entre homens ditos medievais
 que se diziam prenes de bancos
 e se chamavam alunos, *alumni*

julgavam-se a iluminação
 da terra
 do mar
 do firmamento

e aprendiam
 e ensinavam
 e ensinavam e aprendiam
 e entregavam a curta vida
 num braço de ferro
 de onde nunca o segredo se extinguiu

e dia
 após dia
 a escola como existência pura
 emergia

e há de ter sido medonho
 esse dia negro da revolta
 em que homens novos

trajados de preto
 em nome de Petrus Ramos
 e da crença curricular
 mataram a Renascença
 veio a enciclopédia, veio o luar

mas nada foi tão conspícuo
 nada foi tão inexplicavelmente raro
 contra-natura louco disparatado insano
 quanto esse dia já distante
 em que o primeiro filho de camponês
 e da camponesa
 em que o filho da terra
 doce, selvagem, sujo, deslavado, brutal
 malcheiroso, piolhento, duro e risonho
 partiu num dia de chuva
 partiu num dia de vento
 partiu num dia de colheita
 para alimentar o espírito

o dia do primeiro escolar
 há de ter sido escuro
 sim, há de ter sido o tempo
 ensinar e aprender
 aprender e ensinar

ensinar e aprender
 aprender e ensinar

até tudo fazer sentido. (texto não publicado, LX-
 VIII, *há de ser o tempo*, Foi culpa minha?, 2020-
 2023)

Modos de estar: libertarismo e a descoberta da Educação Artística

1999. *Muitas viagens foram adiando o meu encontro com Deolinda Lopes Vieira – mais conhecida pelo nome de casada Pinto Quartim. Ao sentar-me finalmente na antiga sala de periódicos da Biblioteca Nacional de Portugal a estudar um jornal anarquista, encontrei-me estranha e diferente perante as ideias libertárias do princípio do século XX. Um ano passou. Num dia de chuva torrencial, finalmente atendo o celular (que não sabia ainda usar). Apresenta-se António Candeias, este que conhecia dos estudos sobre escolas anarquistas e anuncia-*

me que tinha sido selecionada para a bolsa de formação em investigação do Instituto de Inovação Educacional, agora há muito extinto. Diz-me que era a última vez que estava a tentar ligar. Como hoje seria diferente se não tivesse corrido entre a chuva para atender esse telefonema?

Antônio Candeias era sobretudo conhecido na esquerda política pela direção do periódico *A Batalha* e no meio acadêmico pelos estudos sobre a Escola Oficina nº 1 (CANDEIAS, 1994) e seu professor Adolfo Lima (CANDEIAS, 2003), anarquista e pedagogo do movimento da Escola Nova. Podíamos dizer que era um pouco o seu alter-ego, pois tal como Adolfo Lima,

Embora discreto na sua militância, colaborou regularmente com o movimento anarquista, sendo inquestionável, também pelas ideias que professava, a sua pertença a esse mundo. Antônio Candeias define-o como um ‘aristocrata anarquista’ (CANDEIAS, 2003, p. 745), não só pelas suas raízes aristocráticas, que não alardeava, mas, particularmente, pelo rigor posto na defesa dos seus princípios, pela integridade da sua personalidade e pelo magistério que exercia sem se envolver no combate político estrito. (PINTASSILGO, 2017, p. 3).

A Batalha surgiu em 1919, em plena crise do republicanismo, assumindo-se de caráter anarcossindicalista, uma corrente com muitos militantes portugueses até ao advento do Estado Novo, desde então desbaratada pela perseguição policial e censura simbólica. Sobreviveu em meio à perseguição republicana, mas sucumbiu à censura e destruição policial da sede em 1927. Segundo Candeias, e a partir da investigação sobre as diferentes ações que em Portugal iam sendo realizadas – além da Escola Oficina nº 1, foram identificadas outras 40 escolas, o Congresso Confederado de Santa-rém (1925) e a consequente fundação da Federação de Escolas do Ensino Livre (1926) no Porto – o jornal *A Batalha* teve um peso decisivo no desenvolvimento desta “intriga”. Ao finali-

zar o seu estudo, chamando a atenção para o “essencial” do “papel de *A Batalha* como fonte primordial de qualquer investigação que tenha por fim o conhecimento das ideias, posições e atitudes, neste caso sobre educação, por parte do Movimento Operário Português dos anos 20”, não reprime uma nota afetiva:

Sem conseguirmos esconder os laços afetivos que se foram criando no decorrer da nossa investigação, esperamos ter sido suficientemente objetivos sobre a real importância que *A Batalha* tem, como revelador da vida política, social e cultural entre 1919 e 1927, data em que foi publicada. (CANDEIAS, 1988, p. 90).

Numa análise recente na produção historiográfica, Isaac Martín Nieto (2022, p. 20, tradução nossa) considerou que “Antônio Candeias (1981, 1988 y 1994) foi, por fim, o primeiro que colocou o tema da educação libertária e foi quase o único que nele insistiu na posteridade”.³ O seu trabalho paciente, sistemático e sempre com uma leitura macro e perspetivada numa longa duração tornou-se incontornável.

Pergunta-me pela última vez se vou mesmo enveredar pelo tema da educação musical, pese embora a minha completa impreparação, mostrando-se preocupado. Sinto-me instada a explicar melhor a ideia. Falamos de Mozart, Sociologia de um Gênio e de O Naufrago. Sempre me disse que uma tese tem de ser sobre algo que realmente queremos, condição para que um estudo longo não seja apenas um penoso arrastar de anos a estudar um assunto que não tem ligação com a vida.

“Para o Antônio Candeias”, escreviam António Nóvoa e Jorge Ramos do Ó num artigo de homenagem, “[...] o trabalho académico estava ligado à vida e à possibilidade de, através da Escola, erguer novas formas de relação, de aprendizagem e participação”. “O seu afeto,

3 “Antônio Candeias (1981, 1988 y 1994) fue, en fin, el primero que planteó el tema de la educación libertaria y casi el único que ha insistido en él con posterioridad.”

a sua ousadia, a sua autenticidade tão própria são marcas de um homem único, que fica conosco” (2010, p. 12), acrescentavam sem qualquer exagero. O que a investigação sobre libertarismo pode ter trazido ao modo de trabalho com os seus alunos? Se é verdade que o víamos “[...] sempre insatisfeito e frequentemente indignado” (NÓVOA; Ô, 2010, p. 12), é também certo que vivia quotidianamente a utopia que apregova nas relações pedagógicas com os alunos.

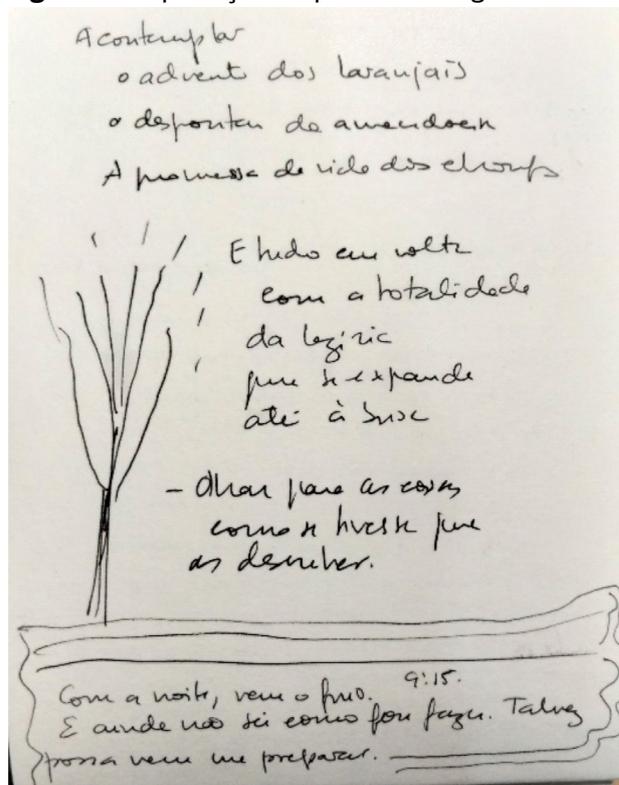
Uma inquietação com a vida cruza-se com um problema essencialmente estatístico, identificado a partir da rarefação do ensino especializado contra a democratização acidentada da escola portuguesa (CANDEIAS ET AL., 2004).

Ao mesmo tempo, foi também a partir do conhecimento e partilha que António Candeias teve com o seu trabalho de doutoramento sobre a educação libertária que tomei conhecimento da intransigente defesa das artes pelo pedagogo Adolfo Lima, o qual soube reunir em prol da Escola Nova os professores marcantes da época. Destacam-se o professor de trabalhos manuais Álvaro Viana de Lemos e da pianista e professora de Educação Musical Francine Benôit (CANDEIAS, 1994; XXX).

Não bastaria, após conhecer por dentro as propostas que a relação entre a arte e a educação trazem para o quotidiano do professor e do investigador, relacionar-me com esses conteúdos temáticos. A professora que se apresenta em sala é a mesma que se desafia a viver por dentro da atividade de educação artística. E isso só pode acontecer com a exploração constante dos problemas que a investigação nos coloca.

Desse modo, encontro o trabalho de António Candeias permeando ainda a minha escrita, mesmo que os temas e os problemas há muito tivessem seguido outras direções. O gesto é ainda o mesmo e ele não foi tomado sem o esforço de um enquadramento prévio.

Figura 2 – Exploração do presente artigo



Fonte: notas de campo.

Modos de ser: pedagogias contra o Estado na supervisão e orientação científica

Tem um sorriso misterioso e um gravador. O meu espanto é apenas igual à alegria, ao ouvir a voz da anarquista Deolinda Quartin a ser entrevistada por António Candeias no âmbito da sua tese de doutoramento. Com ele, percebi a importância de trabalhar temas que realmente nos interessam e não um tema oportuno, quanto mais não fosse pela extensão temporal a que uma investigação obriga.

Não tenho, como António Candeias, a mesma crítica implacável ao papel do Estado, ainda que subscreva parcialmente:

Uma sociedade civil forte não nasce por decreto, nunca sendo construída através do Estado: uma sociedade civil constrói-se, e é o seu processo de construção que subtrairá o excessivo e contraproducente espaço de manobra de um Estado em que a maioria dos cidadãos dificilmente se reconhece. (CANDEIAS, 1994, p. 589).

Sendo impossível, por ora, modificar esse Estado, procurei pelo menos estabelecer-me na *pedagogia contra o estado* no sentido duplo, de combater a prepotência do Estado político e o estado da situação (ATKINSON, 2011), que por sua vez se envolvem com as pedagogias invíveis e as pedagogias especulativas (ATKINSON, 2022). Mesmo sem radicarem no Movimento Operário Português, encontrei nessas propostas a mesma raiz libertária que permite resistir às formas mais opressivas, normalizadoras e autoritárias da educação.

Estabeleço assim a possibilidade de trabalhar a partir de uma tarefa de encontro com o desconhecido, comum a alunos e a professores – ainda que com responsabilidades diferentes. Deparo-me constantemente com essa tarefa por vezes inglória, de estabelecer um propósito de criar contexto para o evento de uma *“real learning”*, uma aprendizagem real (ATKINSON, 2015), que apenas pode radicar no desejo de saber.

Como investigadora, tenho conseguido resistir às investidas que o neoliberalismo acadêmico tem trazido às nossas vidas, aceitando as demandas institucionais com a tentativa de me manter na especificidade do que realmente me interessa. Mas nem sempre. Como docente, o desafio tem sido acrescido ao enfrentar disciplinas extemporâneas aos meus interesses, conhecimentos e competências prévias. Sendo impossível, por ora, modificar esse estado, procurei pelo menos estabelecer-me na pedagogia contra o estado aqui em sentido duplo, o Estado político e o estado que pode ser mudado (ATKINSON, 2011), que por sua vez se envolvem com as pedagogias invíveis e as pedagogias especulativas (ATKINSON, 2022).

Encontramo-nos por casualidade nas escadas, ele desesperado de sono precisa de um café. Não aguentava mais ler o esboço da minha tese de mestrado e comenta, irritado, que isso é uma obrigação e não um prazer para

mim. Mais tarde, terei guardado a última versão, cheia de bonequinhos e comentários jocosos. Na reunião, aponto o que ainda é preciso, faz as últimas recomendações e anuncia que não vai voltar a ver. Erro crasso, pois a versão entregue, numa derrapagem emocional muito séria, ia crivada de erros, de gralhas, erros de ortografia e frases ilegíveis.

Antônio Candeias é um exemplo de professor pela sua genuína preocupação com a pessoa que tinha por diante. “Por vezes parecias estar mais preocupado com os meus problemas do que eu próprio estava, e acreditava nas minhas capacidades mais do que eu próprio acreditava”, relata o seu amigo e colega do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Miguel Tecedeiro (2010, p. 12), um testemunho que poderia *ispis verbis* ter sido prestado por muitos.

Guardei o último manuscrito da tese de mestrado, cuidadosamente revisto e comentado pelo orientador. Antônio Candeias fazia anotações, chamadas de atenção, desenhos, brincadeiras, com o intuito de chamar a atenção para a opacidade do texto entregue pela minha pena. Entre os muitos comentários manuscritos, entrevejo na sua escrita difícil de decifrar um apelo que me fala ao presente. Pede que escreva com prazer, de modo mais solto e livre.

Volvidos todos estes anos, ao reler as anotações que deixou inscritas, tenho a sensação de que o meu modo de orientação e revisão do texto é afinal muito mais parecido com o dele do que julgava. Sentido de humor e detalhe, sempre que é possível, não me escapam.

Tal como Antônio Candeias me pedia, passei a não contrariar sempre que sentia o chamado para uma escrita não académica. Surgiu logo em 2004 essa oportunidade, quando, a partir dos versos de Ruy Belo em “Oh as casas as casas as casas”, talhei uma versão própria para o poema-blogue “Oh as teses as teses as teses”, agora refeito de memória e adaptado para o propósito desta publicação.

Oh as teses as teses as teses

as teses pensam-se e escrevem-se e arquivam-se
Enquanto as fazemos distinguimo-nos dos outros

Distinguimo-nos claramente pelo olhar
Que brilha dia após dia

As teses que eu faria se tivesse tempo
Que faria eu se tivesse tempo?

O que farei eu aliás depois da tese?
Sentar-me-ei a escrever tudo isto
ou serei apenas esta loquaz insanidade?

As teses essas parecem objetivas
mas são tão frágeis as pobres teses

Oh as teses as teses as teses
mudas consumidoras da vida

elas acabam não só ao ser entregues
Elas terminam sós nos repositórios

As teses desesperam depois publicadas
Não sabem nada de teses os editores

os leitores os admiradores

Os júris vivem nos seus palácios
mas a casa dos investigadores é todo o mundo
os investigadores sim têm o conhecimento das teses

os investigadores esses sabem tudo o que é inútil

Eu escrevi a tese nas noites em branco
Visitei bibliotecas estudei em cafés

Só as teses explicam que persista
uma palavra como solidão

Sem teses não haveria dores agudas
as dores onde nem damos pelos outros
mas pensamos deliberadamente em nós

Na tese sonhei e hei de escrever
na tese chorei conversei pensei

na tese vi passar as estações

Cogitei – ô dias simples sem problemas de constipação

Oh as teses as teses as teses

Hoje não apenas tenho escritas paralelas como as incorporo no trabalho científico, sempre que é pertinente. E para combater a solidão que ficou apontada nesse poema, procuro desde há muito estabelecer textos colaborativos, sobre os quais já muito se discorreu noutros trabalhos sobre narrativa de formação e trabalho docente (CAETANO; PAZ; ROCHA; MARQUES, C., 2020; PAZ; CAETANO, 2020; ROCHA; CAETANO; PAZ, 2021).

É preciso ter uma vida interior, uma vida fora da academia, para se poder sobreviver na universidade, dizia-me o professor António Candeias. Cultivava diferentes paixões fora do campus. Como orientador, mais do que bibliografia especializada nos temas da tese – a qual também me foi abundantemente fornecida – recomendou a obra completa do veneziano Hugo Pratt e seu inseparável amigo, o Capitão Rasputine, depois a série de humor britânica Sim, Senhor Ministro [Yes, Minister] e, por fim, os álbuns da banda desenhada franco-belga do personagem Gaston LaGaffe. Não me recorde tanto da escrita da tese, quanto desses momentos hedonistas.

Essa coragem de não abrir mão do prazer e de trazer o desejo para o centro da aprendizagem naturalmente assenta em muitas experiências docentes e discentes, em muita teoria e pedagogia, mas radica, muito essencialmente, a este desejo de ser inútil proclamado por Hugo Pratt e tantas vezes trazido, com uma boa gargalhada, por António Candeias. Não é apenas uma recordação. Em 2021, no âmbito de uma pós-graduação em Pedagogia do Ensino Superior, a partir da vontade de desaprendizagem de Geert Biesta, propus num dos trabalhos uma “arte pedagógica de criar o inútil”.

Do desejo de ser inútil. O personagem de banda desenhada Corto Maltese, um marinheiro maltês envolvido em aventuras pelos mares do mundo, representa para mim a melhor metáfora do que as Ciências Sociais, Artes e Humanidades significam no mundo. O encontro entre dois mundos contíguos, mas não exatamente iguais, que se fundem aparecem-me na pessoa animada de Corto Maltese, ora oficial da marinha, ora pirata. Nem sempre age em conformidade com a lei, mas também não chega a ser um bandido. Inclusivamente, os poderosos sonham com um mundo sem ele, mas, ao mesmo tempo, reconhecem quanta falta faz o marinheiro solitário... Com amigos de reputação duvidosa mas absolutamente fiéis, este anarquista voga incessantemente em busca de conhecer novas

paragens, movido por uma enorme curiosidade que se alia ao íntimo desejo de ser inútil. É so-bejamente conhecida a famosa ‘paragem Corto Maltese’ para fumar um cigarro, contemplar uma paisagem, ou ler um livro antes de se envolver nos passos mais perigosos do caso que tem em mãos, ou de pôr as mãos num ansiado tesouro pelo qual arrisca a vida. Este intervalo está carregado de potência e é por ele que tudo vale a pena. Como alter-ego do seu autor, uma das biografias de Hugo Pratt tem justamente o título *O desejo de ser inútil* (2004).

Da defesa científica da inutilidade. Voltando pouco mais ou menos ao tempo de Hugo Pratt e das aventuras Corto Maltese, um texto foi-se insinuando na minha perplexidade. Refiro-me à defesa que Abraham Flexner realiza sobre a importância dos estudos sociais – então ainda em emergência – na criação de um mundo melhor, o único mundo que conhecemos, de modo a evitar que continuemos silenciosamente a dirigir-nos para essa campã que necessariamente nos espera, também nós ‘silentes, entristecidos e amargurados’ (Flexner, 1939, p. 544, tradução minha). E mais uma vez recordo Corto Maltese, diante da morte que parece iminente, deixando de ver e ouvir tudo para declamar interiormente um poema (Corto Maltese recita “Sensazione” di Arthur Rimbaud, 2012), que finalmente lhe deu alento para reagir perante a brutalidade das forças inimigas. De um modo bastante mais pragmático, Flexner demonstra a utilidade da inutilidade das ciências sociais demonstrando que foi ‘pelo desejo de satisfazer a sua curiosidade’ que os cientistas se moveram em grandes descobertas (Flexner, 1939, p. 547). Vai ainda mais longe. Destrinça entre os cientistas que fizeram essas descobertas por prazer, por isso os que lançaram bases para um amplo caminho, daqueles outros que apenas as aplicaram à indústria, trazendo a eletricidade ou o rádio à disposição dos consumidores. Com estes exemplos, o pedagogo norte-americano vem defender o modelo proposto pela Universidade de Princeton, que tinha como princípios o desenvolvimento de comunidades de aprendizagem movidas pela curiosidade.

Quando Ruben Alves defende a figura do ‘professor de espantos’ (<https://www.youtube.com/watch?v=q7C8QgNuUWk>), como julgo

que a paisagem das ciências sociais, artes e humanidades deveria ser povoada, começo a vislumbrar um outro entendimento sobre os dilemas e dores que me ocupam quase diariamente. Encontro que também a pedagogia vem de algum lugar e se explica de um modo que só agora começo a discernir. É neste sentido que procuro pensar criticamente sobre quem sou e o que faço nesta área científica, como desenvolvo o meu papel docente, e da necessidade de desenvolver por fim, com a intrepidez de um bandoleiro pirata, uma pedagogia do ser inútil. Para que ela, finalmente, faça sentido. (PAZ, relatório final de pós-graduação em Pedagogia de Ensino Superior, 2021, não publicado – adaptado)

Trazer para a elaboração da tese um princípio do prazer, este que tanto lesa *o Estado*, é um princípio ao qual tenho buscado ser fiel. Tenho sobretudo buscado trazer – não sem alguma relutância original – hipóteses de prazer para o espaço da sala de aula. Não apenas da “aula fora da sala”, teorizada e legitimada pelos pedagogos da Escola Nova, mas verdadeiros momentos de suspensão da escola (CANDEIAS, 1994, 2003).

Em jeito de conclusão

“O fim de um trabalho deste tipo é algo angustiante, porque representa o fim de um processo de enamoramento semeado de momentos de mais pura e titânica paixão”, palavras finais de Antônio Candeias na tese de doutoramento, poderiam ser retomadas aqui. Ao mesmo tempo, a pesquisa lançou-me num *pathos*, ou o trágico sofrimento herói que só seria resgatado por decisão de forças superiores à minha humanidade. Mantendo a metáfora, não sei se foram os deuses do Olimpo, ou se em mim habitavam forças que antes não conhecia, o certo é que o desafio foi de tal ordem que não soube, até ao último momento, se conseguiria ver finalizada em letra de forma este trabalho que

se assume incompleto, frágil e experimental. Sobretudo, sempre muito aquém de uma homenagem que tarda em ser feita.

A aprendizagem sobre a autobiografia, o encontro de soluções com a investigação baseada em artes e alguma passagem pela história da educação compõem o resultado que se apresenta: perante a incerteza de seguir a via docente, procuro compreender o que me prende ainda a esta profissão. Percebo que aprendi, mudei e que sou essencialmente a mesma pessoa, mas vivendo de modo muito diferente. Percebo então, com surpresa, que muito do legado que António Candeias deixou ao seu grupo de alunos está ainda vivo.

Pensar a partir desses pequenos episódios como que estando acompanhada de alguém como António Candeias, com quem conheci de perto técnicas e discussões de pesquisa estatística, com quem aprendi que a historicidade da educação foi marcada pela repressão de outras práticas, permite-me vislumbrar de modo original a legitimidade para franquear as portas de uma sala de aula na condição de professora. A tradução para um género literário que, não dominando por completo, me incita a continuar esta exploração como sendo capaz de produzir uma marca pessoal, criando o meu estilo docente como sento hetóclito e heterogéneo.

Num balanço das perguntas de investigação que coloquei, certamente continuarei com a mesma dúvida de como posso ser professora do ensino superior na área da Educação. A mesma insegurança há de brindar-me todos os dias, como acontece com milhares de docentes por todo o mundo, em todas as áreas e níveis de ensino. Se em algum momento conseguir dedicar a essa profissão um tempo de prazer, partilhado entre a pesquisa e a leccionação, então o tempo longo de formação que António Candeias me ofereceu não terá sido em vão. Esses momentos vão acontecendo, normal-

mente por contaminação das diferentes matérias com técnicas, metodologias e problemáticas da educação artística e sua história. Criei, portanto, a minha própria área de atuação, mas não me afastei por inteiro dos princípios e valores que me foram transmitidos.

Por último, a possibilidade de transformar a experiência autobiográfica a partir da pesquisa baseada em artes ficou aparentemente ainda um pouco aquém das efetivas possibilidades, ainda que o essencial não seja senão que este texto só foi possível graças a esse gesto de recuo e balanço a partir de uma linguagem poética.

Desse modo, encerro por ora esta pesquisa biográfica inquieta com novas perguntas.

Referências

- ACASO, María; MEGÍAS, Clara. **Art thinking**: Como el arte puede transformar la educación. Barcelona: Paidós, 2017.
- ATKINSON, Dennis. **Art, equality and learning**: Pedagogies against the State. Londres: Sense. 2011.
- ATKINSON, Dennis. The adventure of pedagogy, learning and the not-known. **Subjectivity**, vol. 8, n. 1, p. 43- 56. 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/sub.2014.22>. Acesso em: 20 maio 2023.
- ATKINSON, Dennis. Inheritance, disobedience and speculation in pedagogic practice. **Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education**, vol. 43, n. 5, p. 749-765. 2022. DOI: [10.1080/01596306.2021.1975911](https://doi.org/10.1080/01596306.2021.1975911). Acesso em: 4 jun. 2023.
- AUGUSTO, Ana Isabel. **O tempo do espaço em branco. O lugar do Kairos e do Ócio numa pedagogia a partir da criação teatral**. Tese de Doutoramento (Educação Artística) – Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2023.
- BARONE, Thomas. The purposes of arts-based educational research. **International Journal of Educational Research**, vol. 23, n. 2, p. 169-180. 2005. DOI: [https://doi.org/10.1016/0883-0355\(95\)91500-G](https://doi.org/10.1016/0883-0355(95)91500-G).

Acesso em: 4 jun. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário**. Lisboa: Editorial Presença, 1996 (1.ª ed. or. 1992).

CAETANO, A.; PAZ, A.; ROCHA, A.; MARQUES, C.. Narrativas de investigação e formação em Educação Artística, no Ensino Superior – A escrita dialógica em devir. **Educação, Artes e Inclusão**. Santa Catarina, vol. 45, 2020. p. 8-32. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/14906>. Acesso em: 13 fev. 2023.

CANDEIAS, Antônio. Movimento operário português e educação (1900-1926). **Análise Psicológica**, série II, vol. 1, p. 39-60. 1981.

CANDEIAS, Antônio. Contributos para a história da educação na 1ª República portuguesa: a educação popular através do jornal «A Batalha» – 1919-1927. In: **1º Encontro de História da Educação em Portugal**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988, p. 81-91.

CANDEIAS, Antônio. **Educar de outra forma: A Escola-Oficina n.º 1 de Lisboa, 1905-1930**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1994.

CANDEIAS, Antônio. Literacy, schooling and modernity in twentieth-century Portugal: what population censuses can tell us. **Paedagogica Historica**, vol. 40, n. 4, p. 509-530. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/030923042000250027>. Acesso em: 4 jun. 2023.

CANDEIAS, Antônio (dir. e coord.); PAZ, Ana; ROCHA, Melânia. **Alfabetização e escola em Portugal nos séculos XIX e XX: Os censos e as estatísticas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CASTANHO, Maria Eugênia. Sobre professores marcantes. In: CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia. **Temas e textos em metodologia do Ensino Superior**. Campinas, SP: Papirus, 2001, p. 153-163.

CATANI, Denice ET AL. Docência, memória e gênero: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1992.

CABELEIRA Helena. As imagens como fonte histórica. In: ALVES, Luís; PINTASSILGO, Joaquim. **História da Educação: Fundamentos teóricos e metodolo-**

gias de pesquisa (2005-2014). Porto: CITEM, 2017. p. 175-201.

CAVACO, Carmen. Éducation biographique et pouvoir d'agir de l'expert du vécu. **Le sujet dans la cité**, Actuels n° 14, 2022/2, p. 45-58. DOI: 10.3917/lsl-dlc.014.0045. <https://doi.org/10.3917/lsl-dlc.014.0045>. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-le-sujet-dans-la-cite-2022-2-page-45.htm> Acesso em: 13 fev. 2023.

CAVACO, Carmen. A investigação biográfica em educação no contexto português. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 03, n. 09, p. 814-828, set./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2018.v3.n9.p814-828>. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5595>. Acesso em: 19 maio 2023.

DA CUNHA, M. I. Docência na Educação Superior: a professoralidade em construção. **Educação, [S. l.]**, v. 41, n. 1, p. 6-11, 2018. DOI: 10.15448/1981-2582.2018.1.29725. Disponível em: <https://revista-seletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/29725>. Acesso em: 10 mar. 2023.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias (orgs.), **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988. P. 17-34.

FERREIRA, Pedro; CARMO, Bárbara; TEIXEIRA, Ana Rita; BISPO, Vera. Roda de Conversa #3. In: EPRAE - Encontro em Práticas de Investigação em Educação Artística, 9, 2023, Lisboa (*workshop*). Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2023.

GAZTAMBIDE-FÉRNANDEZ, Ruben A. Why the Arts Don't Do Anything: Toward a New Vision for Cultural Production in Education. **Harvard Educational Review**, vol. 83, n. 1, p. 211-236. Primavera, 2013. Disponível em: <https://www.hepg.org/her-home/issues/harvard-educational-review-volume-83-number-1/herarticle/toward-a-new-vision-for-cultural-production-in-edu>. Acesso em: 19 maio. 2023.

GREENWAY, Kate. Historiographic Poiesis and Adoption Ephemera: Journeys in Arts-Based Research. In: ANDREWS, Bernard W, **Perspectives on Arts Educa-**

- tion Research in Canada**, Volume 1. Leida: Brill, 2019. p. 47-65.
- HERNÁNDEZ, Fernando. H. La investigación basada en las artes. Propuestas para repensar la investigación en Educación. **Educación Siglo XXI**, vol. 26, p. 85-118. 2008. Disponível em: <https://revistas.um.es/educatio/article/view/46641/44671>. Acesso em: 13 fev. 2023.
- LEMOS, Iramaia Regina de Araújo. **A autonomia no processo de autoformação** –contributos do método autobiográfico. Dissertação de Mestrado (Educação – Educação de Adultos) – Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2016. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26563/1/ulfpie051190_tm.pdf. Acesso em: 13 fev. 2023.
- MARTINS, C. Historicizing the Ahistorical Child of the Portuguese Primary Arts Education Curriculum. The Arts in School as the Governing of the Child's Soul. **Historia de la Educación**, Salamanca, vol. 40, p. 221-241. 2021. Disponível em: https://gredos.usal.es/bitstream/handle/10366/148856/Historizando_al_nino_ahistorico_del_curr.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 13 fev. 2023.
- NEUKOMM, Sigismund Ritter von. **Esquisse biographique de Sigismond Neukomm écrite par lui-même**. s.d, 1.^a ed. or. 1858. Disponível em: http://www.musicologie.org/theses/neukomm_01.html. Acesso em: 13 fev. 2023.
- NIETO, Isaac Martín. Entre história e memória. A historiografia sobre o anarquismo português. *Ler História*. Lisboa, ISCTE, vol. 81, p. 69-89. 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.11069>. Acesso em: 4 jun. 2023.
- NÓVOA ET AL. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992.
- Ó, Jorge Ramos do. **Fazer a mão**: Por uma escrita inventiva na Universidade. Lisboa: Edições do Saguão, 2019.
- OLIVEIRA, Marilda de; CHARRÉU, Leonardo. Contribuições da perspectiva metodológica “Investigação baseada nas artes” e da a/r/tografia para as pesquisas em Educação. **Revista em Educação**, vol. 32, n. 2, p. 365-382, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/YdsHyKtWKvFHHmKJGKyxX-PH/?lang=pt>. Acesso em: 19 maio 2023.
- PAZ, Ana Luísa Fernandes. **Ensino da Música em Portugal (1868-1930)**: Uma história de pedagogia e do imaginário nacional. Tese de Doutoramento (Educação – História da Educação) – Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/18383>. Acesso em: 17 de fev. 2023.
- PAZ, Ana Luísa; CAETANO, Ana Paula. Arts education and writing as research and pedagogic practice: Critical perspectives in higher education or how we became the teachers yet to come. **Art, Design & Communication in Higher Education**, vol. 19, n. 2, p. 185-201. 2020. DOI: https://doi.org/10.1386/adch_00022_1. Disponível em: https://intellectdiscover.com/content/journals/10.1386/adch_00022_1. Acesso em: 17 fev. 2023.
- PINEAU, G. A autoformação no decurso da vida: entre a hétero e a ecoformação. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (orgs.), **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988. p. 64-77.
- PINTASSILGO, Joaquim. A Educação Nova em Portugal: Construção de uma “Tradição de Inovação”. **Historia Caribe**, Puerto Colombia, Universidad del Atlantico, vol. XIII, n. 33, p. 49-82. 2018. Disponível em: http://investigaciones.uniatlantico.edu.co/revistas/index.php/Historia_Caribe/article/view/1998/2400. Acesso em: 17 fev. 2023.
- RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**: Cinco ensaios sobre a emancipação intelectual. Lisboa: Pedagogo, 2010.
- RIBEIRO, Ana Filipa Gandum. **Lembranças, Souvenirs, Recuerdos Fotografia e Emigração Portuguesa para o Brasil (1860-1960)**. Tese de Doutoramento (Estudos Artísticos - Arte e Mediações) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2019. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/66892>. Acesso em: 17 de mar. 2023.
- ROCHA, Ana Isabel. **A experiência do livro como lugar de reflexão epistemológica em Educação Ar-**

tística. Tese de Doutoramento (Educação Artística) – Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2023.

ROCHA, Ana Isabel; CAETANO, Ana Paula; PAZ, Ana Luísa. Narrativas entrelaçadas no ensino superior - Como nos constituímos enquanto comunidade e produzimos colaborativamente conhecimento emancipatório sobre investigação baseada em artes?. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 6, 1-24. 2021. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.rbec.e12458>. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/12458/19148>. Acesso em: 13 fev. 2023.

SINNER, Anita; LEGGO, Carl; IRWIN, Rita L.; GOUZOU-ASIS, Peter; & GRAUER; Kit. Arts-Based Educational

Research Dissertations: Reviewing the Practices of New Scholars. **Canadian Journal of Education**, vol. 29, n. 4, p. 1223-1270. 2006.

VALLERA, Tomás; PAZ, Ana Luísa. O sábio-aprendiz e o efêmero lugar da escrita: Para uma ética da inventividade acadêmica. **Educação e Pesquisa**: Revista de educação e pesquisa da Universidade de São Paulo. São Paulo, vol. 40, n. 2, pp. 483-498. abr./jun, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022014061415>. Acesso em: 4 jun. 2023.

Recebido em: 20/03/2023

Revisado em: 16/05/2023

Aprovado em: 18/05/2023

Publicado em: 09/06/2023

Ana Luísa Paz é doutora em Educação – História da Educação pela Universidade de Lisboa. Professora auxiliar no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Pertence ao Grupo de Investigação em Currículo, Formação de Professores e Tecnologia. *E-mail*: apaz@ie.ulisboa.pt